

# GÊNERO ENTREVISTA: PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO ENTREVISTADO<sup>1</sup>

Selma Zago da Silva BORGES (UFU)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo concentra-se nos aspectos relacionados à construção e ao funcionamento dos textos, sobretudo nos estudos da referenciação com base nos pressupostos teóricos da Linguística Textual. Objetiva explicitar como o referente – sujeito entrevistado – vai sendo construído textualmente, levando em consideração que o processo de referenciação constitui uma atividade discursiva e que o referente é fabricado pela prática social e que os objetos-de-discurso são (re) construídos nesse processo.

**ABSTRACT:** This study concentrates on the aspects related to the construction and to the operation of the texts, above all in the studies of the referencing, with base in the theoretical presuppositions of the Textual Linguistics. Therefore, it aims at explain as the referring - subject interviewed - it goes being built in the text, taking into account that the referencing process constitutes a discursive activity and that the referring is manufactured by the social practice and that the object-of-make speeches are (reverse) built in that process.

## 1. Introdução

Abordar as práticas discursivas em textos de circulação nacional a partir da noção bakhtiniana que trata os gêneros discursivos como atividades enunciativas “tipos relativamente estáveis”, constitui tema de relevância em virtude das propostas de trabalho para o ensino de línguas.<sup>3</sup>

Uma das grandes áreas para investigar a língua em uso, em situações concretas, pertence ao domínio jornalístico, pois encontramos uma variedade de gêneros que atende aos propósitos da comunicação. No entanto, a investigação de um gênero textual, de suas características pertinentes, ainda é um terreno a conhecer.

Deste modo, procuro, nesta discussão, cumprir os seguintes objetivos: 1) propor, com base no levantamento das principais formas remissivas (referenciais) de KOCH (2003), um inventário das possíveis formas referenciais mais frequentes que aparecem no gênero entrevista, especificamente, as formas que permitem a referenciação do sujeito entrevistado; 2) discutir que no decorrer de um discurso, o indivíduo tem a seu dispor uma série de alternativas para designar referentes, inclusive o mesmo item lexical; e 3) contribuir com os estudos da referenciação em consonância com o trabalho com os gêneros a fim de propor novas reflexões.

## 2. A referenciação na construção do sujeito entrevistado

A idéia central deste estudo é a construção do sujeito entrevistado no gênero entrevista, a partir dos processos de referenciação. Incluindo nesse processo as formas pronominais que acumulam um valor dêitico, pois essas formas referem ao sujeito entrevistado. A principal motivação partiu do posicionamento de Brown & Yule (1983 apud KOCH, 2003, p. 26), “Brown & Yule ressaltam que, à medida que um texto se desenvolve, o referente sofre mudanças de estado, de modo que a sua descrição vai se modificando”. Evidentemente, no gênero entrevista, em que as trocas verbais são intensas a ponto de ser considerado como “um jogo de papéis”, penso que a produção deste gênero exige um processo de construção da referenciação que demanda um maior número de ocorrências e variedades de formas remissivas. Essas formas são necessárias a progressão do discurso e a construção do sujeito entrevistado que é o foco desse evento comunicativo.

[...]podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidências. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é

<sup>1</sup> Agradeço, gentilmente, ao Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia pelas sugestões concedidas.

<sup>2</sup> selmazago@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Entende-se que uma das metas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é possibilitar a compreensão crítica dos vários gêneros discursivos com que o cidadão lida no seu cotidiano.

discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito e o sentido se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia.(ORLANDI, 2003. p.95-96).

A título de informação, apresento o exemplo (1) em que o referente, sujeito entrevistado, sofre mudanças a cada forma referencial que vai sendo agregada a ele, ou seja, à medida que o discurso progride o referente vai se construindo, modificando, transformando, recategorizando e reconstruindo. Conseqüentemente, o referente, objeto de discurso, se completa discursivamente, e esta (re) construção se dá numa complexa relação entre mundo, linguagem e pensamento.

(1)

**A presidente do Chile diz que a estabilidade econômica e política está na base da prosperidade chilena**

Michelle Bachelet, de 54 anos, assumiu no mês passado a Presidência de um país de desempenho econômico excepcional [...] Socialista, ela foi eleita... Bachelet começou a pavimentar seu caminho para a Presidência [...] seu antecessor, Ricardo Lagos, que deixou o cargo com 70% de aprovação popular. A presidente é filha de um general da Força Aérea chilena que morreu na cadeia depois do golpe militar que depôs o presidente socialista Salvador Allende, em 1973. Ela própria foi presa e(Ø) acabou exilada, com sua mãe. Médica, divorciada duas vezes, com três filhos, Bachelet fala cinco línguas [...] Ela concedeu esta entrevista a VEJA em seu gabinete no Palácio de La Moneda, em Santiago, na semana passada, quando se (Ø)preparava para uma visita ao Brasil, marcada para esta semana. [...]

[...]

**Veja** – *A senhora já estudou português. Por quê?*

**Bachelet** – Quando (Ø)era adolescente, com 15 anos, (Ø)estudei português porque (Ø)era fã de Roberto Carlos. Sabendo disso, o presidente Lula me presenteou com *Roberto Carlos pra Sempre*, uma coleção com quarenta CDs do cantor. Passada a fase da adolescência, também (Ø)gostei muito de Maria Bethânia, João Gilberto, Caetano Veloso, Vinicius de Moraes, Chico Buarque e Elis Regina. A música brasileira me fascina. Em uma das ocasiões em que me encontrei com o presidente Lula, ele se impressionou quando me pus a cantar o *Hino Brasileiro*.(Veja, 12/04/2006)

Podemos observar neste fragmento que o propósito da revista, em linhas gerais, é de fazer com que o público conheça melhor a pessoa entrevistada, neste caso, Michelle Bachelet. Ela é entrevistada como A Presidente do Chile; a rigor, trata-se de uma pessoa pública, política, foco de interesse da revista no decorrer da produção discursiva; no entanto, as diversas vezes em que certos itens lexicais aparecem, trata-se sempre de acrescentar algo diferente que possibilita a construção textual a respeito da entrevistada. Pode-se indagar se as formas remissivas gramaticais livres- elipse (*nós, eu*) não substituem simplesmente o SN “A presidente do Chile”. Evidentemente, o interesse da revista poderá ser de uma simples correlação anafórica. O que nos leva, então, a discordar, pois no contexto do discurso todos os referentes são evolutivos. Como diz Blanche-Beniviste(1984 apud Koch 2003,p.31) “o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo “nome” que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo “nome””. Acrescento, também a posição de Kallmeyer (1974 apud KOCH,2003) que insere, também, o contexto na relação entre a forma remissiva e o elemento de referência.

Sendo assim, este estudo se pauta nas seguintes considerações:

[...] A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*. (KOCH, 2006,p.79).

Um outro aspecto relevante é que de acordo com Koch (2006) a construção de um texto não se baseia na linearidade, somando elementos novos com outros já mencionados anteriormente, mas no universo de relações que são seqüenciadas. Além do mais, Koch op.cit. afirma que a função das formas referenciais não é apenas referir, pois contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. Portanto, essa afirmação corrobora com nossos propósitos: o sujeito entrevistado é

construído por meio de formas referenciais que são pistas que contribuem para a produção de sentido, a nosso ver pretendido pelo(s) produtor(es) do texto.

### 3. Gênero entrevista: a variedade de formas referenciais na construção do sujeito entrevistado

O universo de análise deste estudo foi formado pela seleção de revistas de circulação nacional: revista *Veja* e *Super Interessante*. Sendo que foram elencadas 04 revistas *Veja* (seção Amarelas) e 04 *Super Interessante* (seção Superpapo) nos meses de janeiro, abril, maio e agosto de 2006, perfazendo, portanto, o total de 08 entrevistas. Lembrando que a escolha das entrevistas foi aleatória. Não obstante, com relação à escolha das revistas. Esta se pautou nos propósitos de ambas as revistas apresentarem aparente semelhança em termos de informação<sup>4</sup> : buscam entrevistar pessoas públicas (políticos, pesquisadores, escritores, etc) que têm a finalidade de promover o entrevistado (ou entidade de /grupos que ele representa); de explicar um fenômeno; e obter opinião do entrevistado.

Para categorizar as formas referenciais encontradas nas revistas, proponho o levantamento de Koch (2003) das principais formas referenciais em português que podem ser de ordem gramatical ou lexical<sup>5</sup>. Na primeira, tem-se a forma remissiva gramatical livre ou presa; na segunda, a forma remissiva lexical. Lembrando que cada forma apresenta suas classificações.

A fim de assegurar a representatividade aos dados, propus o desmembramento da entrevista. Uma forma canônica desta é a estrutura marcada por ‘perguntas’ e ‘respostas’. Todavia, para a consecução dos objetivos propostos nesta pesquisa, divido a entrevista em três partes: a primeira refere-se à contextualização da entrevista, essa compõe das seguintes partes: título do sumário, título da entrevista, abertura e introdução; a segunda compõe-se das perguntas construídas pela revista, no sentido geral, direcionadas ao entrevistado; e a terceira refere-se às respostas concebidas pelo entrevistado. Conseqüentemente, os dados contabilizados foram distribuídos de acordo com essa divisão acima mencionada, pois acredito que se faz necessário tal distribuição para visualizar melhor as escolhas das formas referenciais quando o sujeito entrevistado está em uso da palavra, e quando a revista apresenta, promove e incita- o a partir das perguntas.

### 4. Análise e discussão dos dados

No intuito de tornar a exposição mais clara, apresento os levantamentos dos dados em sua distribuição de acordo com a divisão das partes da entrevista: contextualização, perguntas e respostas. Ratifico que foram analisadas ao todo 08 entrevistas das revistas *Veja* e *Super Interessante*. A respeito, especificamente, das análises, proponho que estas, no decorrer da apresentação das tabelas, sejam descritas tendo em vista somente a descrição das formas referenciais mais frequentes e, conseqüentemente, a construção do sujeito entrevistado por meio dessas formas.

Em se tratando da parte de contextualização da entrevista, desde o título que é apresentado no sumário da revista até a parte introdutória, anterior às perguntas e respostas, a tabela 01 é o resultado da soma dessas partes de todas as entrevistas das revistas *Super Interessante* e *Veja* e traz como resultado, as seguintes formas referenciais mais frequentes: forma referencial gramatical livre – elipse do pronome de 3ª pessoa do singular, forma referencial livre – idêntica ao referente (nome do sujeito entrevistado) e a forma referencial livre – grupo nominal definido.

---

<sup>4</sup> Para selecionar estas informações descritas, tomei como base os três tipos gerais das entrevistas em revistas apontados por HOFFNAGEL(2003) que sugere que as entrevistas publicadas em revistas variam muito em termos de seus propósitos (em termos de tipo de informação e público alvo).

<sup>5</sup> Segundo Koch (2003, p.34) *as formas gramaticais* não fornecem ao leitor /ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (por ex., concordância de gênero e número) e podem ser *presas* ou *livres*.

*As formas remissivas gramaticais presas* são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal [...] Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, os artigos, os *pronomes adjetivos*(demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e o os *numerais cardinais e ordinais*, quando acompanhados de nomes.

São formas gramaticais remissivas livres os pronomes pessoais de 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) e os pronomes substantivos em geral (demonstrativos, possessivos etc.) que têm função pronominal propriamente dita, bem como advérbios pronominais do tipo *lá, aí, ali, acima* etc. *As formas remissivas lexicais* seriam, por exemplo, grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contém, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência no mundo extralingüístico.

**Tabela 1** – Percentagem dos tipos de formas referenciais mais frequentes na parte que contextualiza a apresentação das entrevistas das revistas *Veja* e *Super Interessante*.

Revista	Veja	Super Interessante	Total
Formas referencial	%	%	%
Gramatical presa -pron.adj. pos. 3ª p/s	10,6	21,5	16,9
Gramatical livre - pron.pes.3ªp/s	14,9	9,2	11,3
Gramatical livre – elipse ( Ø3ªp/s)	23,4	23,07	23,2
Livre- idêntica ao referente (nome do sujeito entrevistado)	19,1	21,5	20,5
Livre: grupo nominal definido	17,02	18,4	17,8
Outras formas	14,8	6,1	9,82
Total	100	100	100

Como podemos ver, segundo os estudos de Koch( 1997, 1998, 2002), o emprego de uma expressão nominal introduzida por artigo definido implica uma pressuposição de conhecimento partilhado e obriga o interlocutor a uma busca no contexto, cognitivo ou situacional. Por outro lado, a descrição de uma expressão nominal diz respeito às possíveis propriedades, qualidades e defeitos do referente que em determinado contexto interessa ressaltar ou anunciar. Isto é, o produtor do texto seleciona aquelas mais adequadas ao projeto de dizer. Desse modo, o emprego de uma expressão nominal vai exigir do interlocutor a percepção do porquê da escolha de uma e não de outra, no contexto dado. É o que ocorre em ambas as revistas: a introdução da entrevista, especificamente, a apresentação do sujeito entrevistado, é construída a partir de uma expressão nominal, o que expressa, já de início o projeto de dizer do entrevistador(da revista).

- (2) “O presidente do PFL diz que a temporada longe do poder fez bem [...]”(Veja,11/01/2006)
- (3) “A presidente do Chile diz que a estabilidade econômica [...]” (Veja,12/04/2006)
- (4) “O biólogo americano diz que a situação é tão grave [...]” (Veja, 17/05/2006)
- (5) “O novo treinador da seleção acha que o futebol deixou de ser romântico[...]”(Veja, 09/08/2006)
- (6) “O brasileiro Carlos Saldanha dirige uma equipe de 200 feras [...]”(Super Interessante, 04/2006)
- (7) “O neurocientista Steven Pinker diz que nossos genes são os culpados[...]”(Super Interessante, 05/2006)

Para Fávero (2000, p.22), “uma expressão introduzida por um definido tem valor argumentativo bem grande; o autor cria um universo textual em que o referente determinado pelo artigo ganha existência”. Além do mais, a autora afirma que as diversas retomadas das expressões nominais definidas baseiam-se no nosso conhecimento do mundo e não num conhecimento somente lingüístico.

Outro fato é que, além de sumarizar para os leitores a posição social do sujeito entrevistado pretendida pela revista, essas expressões /ou grupos nominais definidos efetuam uma ativação parcial de propriedades e características de elementos de referência que as precede no texto. Isso nos autoriza a dizer que o produtor (a revista) ao introduzir tais expressões criam a possibilidade de pensar na posição – do sujeito entrevistado: posição –político, posição- presidente, posição- diretor de filme e outras. Nestas posições, segundo Orlandi (2003), não é o sujeito falando, é sua posição. Isso, para a autora, é que dá identidade ao sujeito.

Ainda na parte introdutória das entrevistas, o uso freqüente da forma referencial lexical idêntica ao nome do sujeito entrevistado e da forma referencial elíptica – 3ª pessoa do singular, em ambas as revistas, possibilita ao leitor situar-se no projeto de dizer do produtor (da revista): apresentar o sujeito entrevistado, tendo em vista que esse assume, aparentemente, a responsabilidade enunciativa da produção do texto segundo a posição social que ocupa durante a entrevista. Nesse ponto, é necessário, também, mencionar o uso freqüente da forma referencial gramatical presa: pronome adjetivo possessivo – 3ª pessoa do singular em uma das revistas analisadas, pois essa forma soma as demais formas já citadas e contribui, também, para o processo de construção da imagem do sujeito entrevistado e da neutralidade da voz do expositor.

É sabido que essas formas referenciais corroboram com a descrição do sujeito entrevistado e, conseqüentemente, com a construção de sua imagem. Evidentemente, neste caso, uma imagem positiva, conforme os exemplos abaixo:

- (8) “Sem desistir, Bushnell apostou num game simples. Pong, de 1972, mesmo ano da fundação da Atari, (Ø)acertou em cheio e (Ø) fez da empresa ícone de uma geração.” (Super Interessante, 01/2006)
- (9) “Carioca, tranqüilão, 37 anos, Saldanha pode não ter no Brasil a mesma fama de Fernando Meirelles ou Walter Salles. Mas (Ø) é um dos brasileiros que mais longe chegaram em Hollywood em todos os tempos - (Ø)é um dos grandes nomes do cinema de animação mundial.” (Super Interessante, 04/2006)
- (10) “Aos 68 anos, (Ø) diz que só volta atrás se for para disputar a sucessão de Lula. Bornhausen recebeu VEJA para um almoço em seu apartamento em Florianópolis. Na entrada, (Ø)serviu seu prato predileto: espetada de lula. O molusco, bem entendido.” (Veja, 11/01/2006)

Em se tratando das perguntas e conforme o levantamento das formas referenciais sugeridas por Koch(2003), conforme a tabela 2, as análises revelaram, praticamente, a ausência dessas formas nas perguntas em referência ao sujeito entrevistado. Por outro lado, revelou-se uma maior freqüência dos seguintes pronomes: pronome possessivo adjetivo – 3ª pessoa do singular e de tratamento(*você(s), senhor(a)*). Ambos os pronomes, nesse evento comunicativo, em relação às perguntas, acumulam um valor dêitico, pois remetem diretamente a uma instância exterior ao texto, neste caso, ao sujeito entrevistado, produtor, também, do texto.

- (11) “Veja – Em sua opinião, é eticamente aceitável tentar encontrar uma explicação genética para o comportamento homossexual? (Veja, 17/05/2006)
- (12) “Diferentemente de um diretor de filme “real”,  você não tem que ficar administrando os humores das estrelas de Hollywood. Só que sob sua batuta está uma equipe gigante formada por gente supercriativa. As guerrinhas de egos acontecem aqui também?” (Super Interessante, 04/2006)

**Tabela 2** – Percentagem dos pronomes com valor dêitico mais freqüentes encontrados nas perguntas das entrevistas das revistas *Veja* e *Super Interessante*.

Revista	Veja	Super Interessante	Total
Pronomes com valor dêitico	%	%	%
pron.adj. pos. 3ª p/s	27,8	33,3	29,3
Pron. de trat. formal	27,8	-	20
Pron.de trat. informal	44,4	66,6	50,7
Total	100	100	100

Além do mais, a acentuada ocorrência desses pronomes com valor dêitico, a meu ver, possibilita a aparente neutralidade da voz do entrevistador nas perguntas e corrobora para a transferência das responsabilidades enunciativas ao sujeito entrevistado, isto é, constrói –se uma imagem da responsabilidade do dizer, do projeto de dizer, ao sujeito entrevistado. Sobre a neutralidade da voz do entrevistador, é importante mencionar, também, que esse ao incitar o sujeito entrevistado, põe em cena a voz social que, segundo Bronckart(2003), é precedente de grupos sociais, instituições ou personagens que não intervêm como agentes, mas que são mencionadas como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo. É o que revela o exemplo seguinte:

- (13)“ Alguns estudiosos dizem que a carga dos navios deveria permanecer submersa, para preservar o patrimônio histórico. Você concorda?” (Super Interessante, 08/2006)
- (14) “Steve Jobs foi seu empregado na Atari e dizem que ao fundar a Apple ele adotou sua máxima de que trabalhar deve ser divertido. É verdade?” (Super Interessante, 01/2006)
- (15) “Veja – Muitos críticos dizem que a ciência é uma espécie de religião e que a teoria da evolução exige devoção. O senhor concorda? (Veja,17/05/2006)

A tabela 3, última tabela de análise, refere-se às respostas do sujeito entrevistado. De acordo com os dados, as formas referenciais mais frequentes em ambas as revistas são: as formas gramaticais livres: elipse do pronome da 1ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural<sup>6</sup>. Segundo Bronckart(2003), essas formas são fundamentalmente um marcador de identidade. Nesse caso, a voz, identidade que assume a responsabilidade do que é o enunciado, é a que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção verbal, por conseguinte, é a voz do sujeito entrevistado que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é o enunciado. Essa é, pois a construção do autor, como gerenciador das vozes enunciativas. Lembrando que, apesar de não ser o propósito deste trabalho, neste momento, é preciso esclarecer que apesar das marcas explícitas do autor/produtor/entrevistado há a questão da polifonia.

- (13) “ Eu não xinguei a imprensa ou os críticos. (Ø)Xinguei o jornalista (*um fotógrafo*) na minha frente, que queria que eu fizesse uma pose, (Ø) fizesse caras e bocas para uma foto boa para ele.”(Veja,09/08/2006)

(14) “**Bachelet** – Depois da minha posse, (Ø) conversei com o presidente Lula sobre uma aliança renovada entre os dois países. (Ø) Vou ao Brasil justamente para trabalhar com o presidente brasileiro na busca do fortalecimento dessa aliança, que é antiga. (Ø)Podemos ampliar nossos acordos comerciais e incluir, por exemplo, a área de serviços. Também (Ø) queremos incentivar o intercâmbio cultural e entre nossas Forças Armadas. Enfim, em todas as áreas, porque o Chile e o Brasil têm uma longa história de amizade. Por fim, (Ø)queremos apoiar uma característica do Brasil e do presidente Lula, que é o espírito de integração.” (Veja,12/04/2006)

---

<sup>6</sup> No dizer de Coimbra(2001), em relação ao uso do pronome *nós* nem sempre é fornecida uma expressão nominal que elucide o leitor sobre o seu âmbito extralingüístico. Portanto, sendo este pronome equivalente a *eu + eles*, e sendo o eu facilmente identificável, exoforicamente, como autor(a) do texto, fica por desvendar o alcance de *eles*. “Este problema resulta da chamada **referência adicional** (*additioning reference*), ou seja, da adição de um novo participante sem que se encontrem no texto pistas suficientes para a sua identificação, e reflecte uma falha na quantidade de informação partilhada por emissor e receptor.” (p.5)

**Tabela 3** – Percentagem dos tipos de formas referenciais mais freqüentes nas respostas dos entrevistados das entrevistas das revistas *Veja* e *Super Interessante*.

Revista	Veja	Super Interessante	Total
Forma referencial	%	%	%
Gramatical presa - pron.adj. pos. 1ª p/s.	7,9	9,1	8,4
Gramatical presa -pron.adj. pos. 1ª p/pl.	5,4	4,6	5,1
Gramatical livre - pron.pes. 1ªp/s	12,4	7,2	10,4
Gramatical livre - pron.pes. 1ªp/pl.	3,3	5,9	4,3
Gramatical livre – elipse (Ø1ªp/s)	29,5	34,6	31,5
Gramatical livre – elipse (Ø1ªp/pl.)	32,3	26,8	32
Livre- nome genérico	3,7	5,9	4,6
Outras formas	2,5	5,9	3,8
Total	100	100	100

## 5. Considerações finais

Ao longo do percurso, procurei salientar que este trabalho apesar de apresentar dados quantitativos, é apenas uma tentativa de investigar um evento comunicativo em situação real, de uso da linguagem, principalmente, porque o gênero entrevista, por muitos autores, é considerado predominantemente oral. Podemos supor que essa característica oral se justifica, uma vez que a progressão referencial se realiza de maneira extremamente variada e dinâmica.(esse ponto, a meu ver, merece a atenção para futuras pesquisas) Prova disso é o levantamento das formas referenciais que encontramos no interior desse discurso. Além disso, em ambas as revistas analisadas que veiculam um mesmo gênero, na maioria das vezes, as formas remissivas empregadas na construção do sujeito entrevistado apresentam uma certa regularidade na freqüência de suas ocorrências. Essas formas são pistas que apontam para: a construção da identidade do sujeito, o projeto de dizer da revista, a imagem positiva do sujeito entrevistado pretendida pela revista e o gerenciamento das vozes enunciativas: a voz do sujeito entrevistado, as vozes sociais e a voz neutra do expositor/produtor (revista). Tudo isso, contribui para o caráter dinâmico da linguagem em uso e para a compreensão da intrínseca relação entre mundo linguagem e pensamento.

## 6. Referências bibliográficas

ANTONIO, D. J. Algumas contribuições do funcionalismo e da lingüística textual para o ensino de gramática na escola. Disponível em:  
 <[http://www.ppg.uem.br/Docs/ctf/Humanas/2005\\_1/01\\_131\\_05\\_Antonio\\_Algunas%20contribuicoes%20do%20funcionalismo.pdf](http://www.ppg.uem.br/Docs/ctf/Humanas/2005_1/01_131_05_Antonio_Algunas%20contribuicoes%20do%20funcionalismo.pdf)> Acesso em: 05 jun.2006.

- ALBANESE, D. O caçador de tesouros. **Super Interessante**, São Paulo, edição 229, P.18 a 20, ago.2006. Entrevista concedida a Marcello Bortoloti. Disponível em: <[http://super.abril.com.br/super/edicoes/229/papo/conteudo\\_155102.shtml](http://super.abril.com.br/super/edicoes/229/papo/conteudo_155102.shtml)>. Acesso em: 13 ago.2006
- BACHELET, M.. País de baixo risco. **Veja**, São Paulo, edição 1951, P.11-15, 12, abr.2006. Entrevista concedida a Diogo Schelp. Disponível em:< <http://veja.abril.uol.com.br/120406/entrevista.html>> Acesso em: 09 jul.2006
- BORNHAUSEN. J. Lula não se elege. **Veja**, São Paulo, edição 1938, P.11-15, 11, jan.2006. Entrevista concedida a Felipe Patury e Marcelo Carneiro. Disponível em: <<http://veja.abril.uol.com.br/110106/entrevista.html>> Acesso em: 09 jul.2006.
- BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003. 353p.
- BUSHNELL, N. O jogo não acabou.**Super Interessante**, São Paulo, edição 222, P.34 - 35, jan.2006. Entrevista concedida a Mauro Tracco. Disponível em: <[http://super.abril.com.br/super/edicoes/222/novas/conteudo\\_112946.shtml](http://super.abril.com.br/super/edicoes/222/novas/conteudo_112946.shtml)> Acesso em: 09 jul.2006.
- COIMBRA, Rosa Lúcia, Para além da frase: Problemas de coesão textual na produção do PLE, **Cadernos de PLE**, nº 1, Universidade de Aveiro, 2001, pp. 9-24. Disponível em: <[http://sweet.ua.pt/~f711/documentos/r/coimbra\\_1PLE\\_2001.pdf](http://sweet.ua.pt/~f711/documentos/r/coimbra_1PLE_2001.pdf)> Acesso em:18/11/2006
- FÁVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais**. 9ªed.São Paulo: Ática, 2000. 104p.
- HOFFNAGEL, J.C. **Entrevista: uma conversa controlada**. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. N.; BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais & Ensino**. 2ªed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.180-193.
- KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. 18ed. São Paulo: Contexto, 2003. 84p.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de Referenciação Na Produção Discursiva.. **DELTA.**, São Paulo, v. 14, n. spe, 1998. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=en&nrm=iso)>. Access on: 21 Aug 2006. doi: 10.1590/S0102-44501998000300012. Acesso em 7. jun.2006
- ORLANDI, E.P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.100 p.
- PINKER, S. Oráculo Genético. **Super Interessante**, São Paulo, edição 226, P.18-20, mai.2006. Entrevista concedida a Rodrigo Rezende. Disponível em:< <http://super.abril.com.br/super/revista/226.shtml>>. Acesso em: 09 jul.2006.
- SALDANHA, C. Versão brasileira. **Super Interessante**, São Paulo, edição 225, P.10-13, abr.2006. Entrevista concedida a Érika Sallum. Disponível em: <[http://super.abril.com.br/super/papo/conteudo\\_127820.shtml](http://super.abril.com.br/super/papo/conteudo_127820.shtml)> Acesso em: 09 jul.2006.
- SILVA, A. M; PINHEIRO, M. S. F.; FREITAS, N. E. **Guia de normalização de trabalhos técnicos-científicos**: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses. 4.ed. Uberlândia: UFU, 2004. p.144
- VEREZA, Solange Coelho.Contextualizando o Léxico como Objeto de Estudo: Considerações Sobre Sinonímia e Referência. **DELTA.** [online]. 2000, vol. 16, no. 1 [cited 2006-08-18], pp. 83-98. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-4450200000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4450200000100004&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-4450200000100004.
- VERRI, C.C.B. A era do coletivo. **Veja**, São Paulo, edição 1968, P.11a 15, 9, ago.2006. Entrevista concedida a Ronaldo Soares. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/090806/entrevista.Html>> Acesso em: 13 ago.2006.
- WILSON, E. Salvem o planeta. **Veja**, São Paulo, edição 1956, P.11-15, 17, mai.2006. Entrevista concedida a Diogo Schelp. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/170506/entrevista.html>> Acesso em: 09 jul.2006
- ZAMPONI, G. **Processos de referenciação**: anáforas associativas e nominalizações.2003.256f.(Tese Doutorado em Lingüística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2003.